

Engenharia civil é fundamental para evitar tragédias; leia entrevista

[cimentoitambe.com.br/massa-cinzenta/engenharia-civil-e-fundamental-para-evitar-tragedias-leia-entrevista/](https://www.cimentoitambe.com.br/massa-cinzenta/engenharia-civil-e-fundamental-para-evitar-tragedias-leia-entrevista/)

1 de junho de 2023

Engenharia civil é fundamental para evitar tragédias; leia entrevista

<https://www.cimentoitambe.com.br/wp-content/uploads/2023/06/Edificio-Palace-II.jpg>

1000 644 Cimento Itambé Cimento Itambé <https://www.cimentoitambe.com.br/wp-content/uploads/2023/06/Edificio-Palace-II.jpg>

1 de junho de 2023 1 de junho de 2023



Escombros do edifício Palace II, que desabou no Rio em 1998; segundo arquiteto, tragédia poderia ter sido evitada.

Crédito: Arquivo Público

Todo ano, a gente sabe que as fortes chuvas no Brasil vão provocar **enchentes** em determinados locais do país, com destruição de casas, mortes e deslizamento de terras. Por outro lado, há **tragédias** pontuais em edifícios e obras públicas que também se tornaram de certo modo previsíveis, tendo em vista o conhecimento técnico atual e a **experiência** em casos similares.

De acordo com o engenheiro civil **Paulo Helene**, diretor-presidente do **Ibracon** (Instituto Brasileiro do Concreto), dezenas de desastres como esses “podem ser evitados pela própria engenharia”, sem depender da iniciativa do poder público.

Em um editorial sobre o tema, publicado na revista “**Concreto & Construções**”, o profissional afirmou que “a arquitetura, a engenharia e a geologia sabem, hoje, muito mais do que há alguns anos” e que aprenderam a duras penas, muitas vezes com calamidades. “Atualmente, é **inadmissível** que estruturas e edifícios colapsem por sismos, por incêndios, por ventos moderados e furacões, porque aprendemos e incorporamos o conhecimento de forma democrática, consensual e abrangente disponibilizando-o nas normas técnicas e nas práticas recomendadas.”

Paulo Helene cita o **terremoto** de magnitude 7,6 ocorrido na Turquia e na Síria em fevereiro deste ano, considerado “o pior desastre natural num século na Europa” pela Organização Mundial de Saúde. Foram mais de 50 mil mortos, com **214 mil edifícios**

destruídos. “Não há como evitar que a natureza se manifeste, através de sismos, furacões, maremotos, entre outros” diz. “Para nos proteger, existe a Engenharia Civil, que tem a responsabilidade e o dever de dominar as forças da natureza, protegendo e dando qualidade de vida aos povos a quem serve. Vários edifícios permaneceram de pé, enquanto outros, vizinhos, colapsaram.”

Para saber mais sobre a responsabilidade dos engenheiros nesse processo de prevenção de tragédias, tanto no Brasil quanto no mundo, conversamos com Paulo Helene, do Ibracon.

1) Quais tragédias ocorridas recentemente no Brasil mostram a importância de um bom planejamento da engenharia civil para se evitar estragos e mortes?

Paulo Helene – As maiores tragédias estão relacionadas com **escorregamentos de encostas e enchentes**. Envolvem principalmente os arquitetos urbanistas, os geólogos, os geotécnicos e as Prefeituras. É um tema complexo para o qual tenho pouco a contribuir.

Tragédias em edifícios tais como Palace II, no Rio de Janeiro, o Paes de Almeida, em São Paulo, e o Areia Branca, em Pernambuco, e poderia citar uma dezena mais, assim como tragédias em obras de arte como a ciclovia do Rio de Janeiro e o viaduto dos Guararapes em Minas Gerais, e também outras dezenas mais, poderiam ser evitadas pela própria engenharia e não dependem do poder público. Temos de fazer *mea culpa* e procurar exercer a profissão com mais **competência e dedicação**.

2) Em sua opinião, além de colocar em prática os conhecimentos da engenharia civil em novas construções, também há a necessidade de se refazer casas e obras que estiverem em risco?

Paulo Helene – Sim, pois **o conhecimento evolui**, até mesmo pressionado por acidentes, e esse aprendizado vai sendo naturalmente incorporado às novas normas, códigos municipais e até nas práticas de bem construir. Então, edificações, obras de arte e estruturas em geral podem acabar **ficando em risco** hoje, porque, na época de sua construção, 30, 40, 60 anos atrás ou mais, aquele conhecimento ainda não era consensuado, nem obrigatório.

É o caso da prevenção contra incêndio, por exemplo. A maioria dos edifícios de São Paulo **não têm portas corta-fogo**, só para dar um exemplo fácil de entender e vislumbrar. Mas ocorre também em situações importantes, mas não tão evidentes, como pilares, estabilidade geral, ventos e até sismos cuja norma é bem recente.

3) Com o aprendizado acumulado até hoje, a partir dessas tragédias diversas ocorridas no Brasil e no mundo, pode-se dizer que a engenharia civil, atualmente, conseguiria evitar a maioria dos desastres?



Paulo Helene diz que Engenharia Civil possui conhecimento suficiente para evitar tragédias naturais.

Crédito: Divulgação

Paulo Helene – Sem dúvida, desde que bem praticada lá no início da concepção, projeto, materiais, construção, controles, ensaios e manutenção preventiva adequada. Tem norma para tudo, até para Reforma e Inspeção Predial. **Basta respeitar e utilizar.**

4) Em sua visão, a conexão entre engenheiros, arquitetos e geólogos ainda está aquém do necessário? Ou a troca entre eles e o compartilhamento de informações acontece como deveria ser?

Paulo Helene – Sim, **bem aquém** do desejável. Lamentável e tristemente eu já ouvi algumas vezes frases do tipo “cada macaco no seu galho...”, demonstrando bem a ignorância e pseudoautossuficiência dos profissionais.

5) Para conseguir aumentar o nível de eficácia das construções em situações de tragédias naturais previsíveis, a iniciativa precisa partir de quem? Das autoridades governamentais, dos engenheiros, das empresas responsáveis pelas obras? Como agilizar essa mudança de perspectiva, para efetivamente salvar vidas e reduzir danos materiais o mais rápido possível?

Paulo Helene – Em primeiro lugar, da própria engenharia, fazendo sua *mea culpa*. Em segundo lugar, das autoridades, e, em terceiro lugar, não menos importante, da Justiça, que deveria punir e não permitir impunidades... Vide o caso da Boate Kiss [incêndio que matou 242 pessoas e feriu 636 na cidade de Santa Marina, no Rio Grande do Sul, em 2013].

Fonte

Paulo Helene, diretor-presidente da Ibracon

Jornalista responsável

Fabiana Seragusa

Vogg Experience

Post Views: 453